



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

OUTRA DOS MANOS...



I — Mano Gordo e Magrizela,
na praia, sôbre um rochedo,
contemplam um barco á vela,
singrando formoso e lêdo.

II — Mas vem, nisto, a maré-cheia,
sem ninguém contar com eja,
que, logo, d'água rodeia
mano Gordo e Magrizela.

III — Então, Gordo, com corágem,
prova ao mano que ser gordo
também tem sua vantagem.
no que estão ambos de acôrdo!

História contada á beira-mar

POR WANDA

CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

(CONCLUSÃO)

Diá em que êle não podia fazer-lhe aquele bocadinho de companhia, era uma tristeza para o pobre doente, e isso é que sua mãe não queria; bem lhe bastava vê-lo assim tão doente, sem esperanças de o ver um homem, embora o rodeasse de tôdos os carinhos e cuidados que só um coração de mãe sabe dar. Falou com o comandante que condescendeu em pôr Zé Petinga ao serviço da sr.^a D. Júlia de Menezes, nos poucos dias que restavam de viagem. O doente pouco andava, sempre cansado e muitas vezes era o pequeno quem o amparava com um cuidado que enternecia aquele homenzinho que a doença tornava criança.

A's tardes, sentado ao lado dêle, Zé Petinga contava-lhe os usos e costumes dos pescadores, descrevia-lhe as belezas da sua Nazaré, imitava as suas vozes quando puxavam as rédes e tanta graça tinham os seus ditos que o pobre doente cada vez apreciava mais a companhia do seu amiguinho.

—Olhe, senhor Jorge, na minha praia há um sol tão lindo como não há em parte nenhuma e tenho a certeza de que o havia de curar. E o doente ficou a cismar, se teria sido aquêle sol, que deu tão linda cor a Zé Petinga. Aproximou-se o dia da chegada e D. Júlia, pensando quanto a companhia do pequeno seria útil e agradável a seu filho, pediu-lhe que ficasse no Rio de Janeiro ao seu serviço, mas êle recusou dizendo que gostava muito do sr. Jorge, que agradecia muito as atenções da sr.^a D. Júlia, mas que queria ser livre.

—Terás a liberdade que quizeres, serás estimado como família,—prometeu a boa senhora. O rapaz hesitou: tinha realmente tanta pena daquele senhor que ainda parecia mais pequeno do que êle, que era tão bondoso e tão infeliz... sendo tão rico! O seu coração dizia-lhe que aceitasse, que fôsse tratar dêle com carinhos de irmã... Seria



útil a um doente, o que era uma boa acção, estaria ao abrigo da miséria, mas o instinto da independência e também o escrúpulo de viver no meio daquela santa família, sempre em mentira, fê-la recusar, com grande desgosto da D. Júlia. A' despedida, Jorge e Zé Petinga choraram abraçados e, dando-lhe a sua direcção, Jorge obrigou-o a prometer que o procuraria e recorreria a êle se um dia precisasse.

Quando desembarcou Zé Petinga sentiu-se como que atordoado. A grande baía de Guanabara, onde o navio atracou, deslumbrou-o e tudo, tudo o mais que via e não se cansava de ver: aquelas modernas e extensas avenidas com enormes, imponentes edificios, duma altura extraordinária—a que chamam arranhacéus—, o movimento de carros e pessoas, o barulho ensurdecedor em ruas de maior movimento, aquele ambiente de beleza, conforto e luxo, estonteavam o rapazinho. E tanto queria ver, saciar-se bem de tôdos aqueles deslumbramentos, que no dia da partida, á hora da largada, andava perdido por aquelas infundáveis avenidas.

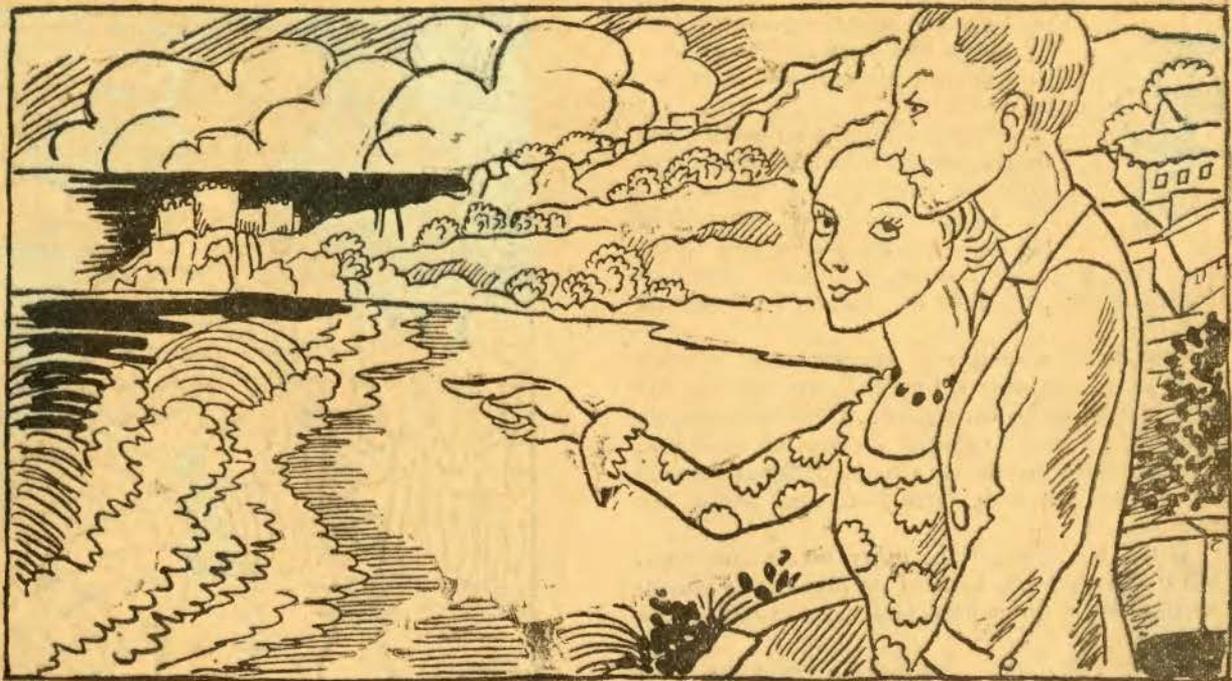
Quando chegou á baía e viu que o navio tinha partido, ficou doído de desespero. Estava presente um passageiro que muito gostava dêle e que, quando o viu mais calmo, lhe perguntou:

—E agora que vals fazer?

—Sei lá, senhor Martins, o melhor é atirar-me ao mar e talvez chegue a Lisboa ainda primetro do que o navio.

—Deixa-te de asneiras, rapaz. Vem comigo que te arranjarêi emprêgo até o navio voltar.

Era êste homem dono dum importante estabelecimento, e daí a dois dias via-se Zé Petinga com um fardamento verde a manobrar, garborosamente, o elevador.



dade de Jorge, quando soube que o seu amigo ficava a fazer-lhe companhia, não se descreve.

Passaram-se meses sem voltar o «Niassa» ao Rio de Janeiro e ele lá se ia conformando com a sua sorte. Os seus passeios eram sempre para o pé do mar e, às vezes, falava-lhe baixinho, perguntava-lhe se conhecia o da Nazaré, que era mais pequenino mas muito bonito e com umas cores mais suaves. Muitas vezes chorava lembrando-se da sua praia, dos pobres gatinhos e do verdadeiro Zé Petinga que, decerto a julgava morta e a chorava... Um dia, quando manejava o ascensor, ouviu exclamar:

—Zé Petinga, tu aqui?

Voltando-se admirado viu a mãe de Jorge, a quem, muito confuso, explicou o que lhe sucedera.

—E não nos procuraste, ingrato?

De cabeça baixa, o rapaz explicou que tinha sido muita vontade de os ver, mas tivera medo de que o julgassem interessado.

D. Júlia compreendeu o escrúpulo daquele rapaz tão pobre e orgulhoso, dizendo-lhe:

—Nunca ninguém poderá pensar mal de ti, meu filho.

Depois contou-lhe que o filho havia piorado, quasi não saía de casa. Sempre muito triste, sem coragem para reagir, recusa os alimentos; não sei que lhe hei-de fazer, lamentou-se chorando a pobre senhora.

—E fala sempre em ti, nunca te esqueceu! O pequeno prometeu ir vê-lo no dia seguinte mas, naquela mesmo dia, á saída da loja, viu parado em frente um luxuoso automovel donde partiu um grito: Zé Petinga! Correu e os braços de Jorge apertaram-no comovido. Com voz cansada, pediu:

—Vem comigo, Zé Petinga.

—Que rico carro, senhor Jorge, que catita—dizia ele, rebolando-se nos fôfos assentos.

—Quem se acostuma a andar nisto, já não pode andar a pé.

E o doente sorria, tristemente, ao ver aquele entusiasmo que nunca sentira.

Entrando na rica moradia de Jorge, o pequeno soltava exclamações de encantamento e alegria que também alegravam á mãe de Jorge. Aí jantou e... aí ficou! D. Júlia falou ao coração de Zé Petinga, pediu-lhe que a ajudasse até que o filho recuperasse algumas forças para o poder trazer a Portugal, onde ele se tinha dado tão bem. Com a tua ajuda, hei-de consegui-lo, tenho a certeza, porque tu espalhas alegria em volta de ti e é, dessa alegria, que o meu pobre filho precisa. Á felici-

Passou-se um ano. Maria da Luz tem 16 anos, está mais desenvolvida e menos alegre. Foi para Jorge, uma enfermeira, uma irmã; ele tinha, ás vezes, o mau humor próprio de todos os doentes e dias em que chegava a ser mau, mas ela era sempre a mesma muito meiga, tudo suportando com o riso nos lábios; acompanhava-o nos seus passeios e cantava-lhe, baixinho, com uma vozita melodiosa, as cantigas da sua terra. Ouvindo-a, Jorge dizia:

—Que linda voz de mulher, tu tens, Zé Petinga—ria-se, muito divertido, de a ver córar.

Não era feliz Maria da Luz. A's vezes sentia sobre si os olhos carinhosos de D. Júlia e vinha-lhe uma grande vontade de chorar e de fugir. Tinha remorsos da mentira, em que há mais dum ano vivia naquela casa e, quanto mais D. Júlia a admirava, a tratava como filho muito querido, mais ela sofria lembrava-se de que seu avô dizia: que só se encontra felicidade vivendo na verdade de Deus, e ela era uma embusteira, tendo vivido sempre na mentira!

O riso ainda lhe aflorava á boca quasi sem querer porque toda ela era riso e alegria mas o remorso esmagava-lhe essa alegria.

—Quem vive na mentira, não pode ser feliz, dizia seu avô e ela vivia na mentira! Aquela situação tornou-se insustentável e pensou fugir; assim, como uma ingrata... não podia.

Um dia em que D. Júlia a fitava com insistência e um sorriso bondoso, não pde suportar mais o seu desgosto e lançando-se a seus pés, pediu para a deixar ir embora.

Muito espantada a pobre senhora perguntou:

—Mas porquê? O que te falta, Zé Petinga? Dize, que tudo, tudo te farei. Tenho-te estimado como se fosses meu filho e como meu filho queria que ficasses até á minha morte.

—Nada me falta, minha senhora. De V. Ex.^a só tenho recebido os carinhoes da mãe que não conheci e Deus sabe como vou ser desgraçado; agora, sem eles, mas, por Deus, deixe-me ir embora. E, sem poder dominar-se mais

DAVID era um pobre e pequeno pastor ruivo que apascentava as ovelhas de seu pai Isai nos arredores de Judá.

Nesse tempo, os filisteus, em guerra com os filhos de Israel, reuniram-se entre Soco e Azeca.

O povo de Israel, comandado por Saúl, seu rei, juntou-se e apresentou-se para a guerra contra os filisteus, indo ao encontro deles, para lhes dar batalha, no vale de Terebinto.

Quando os exércitos se encontraram defronte um do outro, prontos a batalhar, eis que sai das fileiras dos filisteus um gigante, filho bastardo, de nome Golias, todo coberto de malhas de cobre, medindo quatro metros de altura, trazendo na mão uma enorme lança de ferro e na sua frente um escudeiro.

Este Golias era tido, entre os da sua raça, como o mais valente homem de armas. Ao encontrar-se no meio do campo, Golias falou com a sua voz de trovão:

— Povo de Israel: Venho, em nome dos filisteus, minha raça, dizer-vos que mandeis a este campo, para se bater comigo, um homem dos vossos. Se esse homem me vencer, seremos vossos escravos. Se, ao contrário, ele for vencido por mim, vós sereis escravos nossos, reservando-nos o direito de acabar com vocês ou fazer-vos nossos prisioneiros.

Os israelitas ouviram, aterrorizados, a proposta do gigante, e ninguém safu a bater-se com ele.

Como ninguém se abalançasse a defrontá-lo, retirou-se, voltando ao outro dia, a repetir a proposta, e assim, sucessivamente, durante 40 dias.

*
* *

Isai, um dia, disse a Saúl, seu filho?

— Toma estes dez pães e esta farinha e leva-os



O GIGANTE E

QUADRO

PR

ANTONIO

DESENHOS DE

a teus irmãos, que se batem por Saúl no vale de Terebinto.

Andando sempre, chegou ao lugar de Magala, onde os israelitas se preparavam para atacar os filisteus.

Nessa tarde, porém, Golias voltou, como de costume, ao campo, a desafiar o povo de Israel.

David sentiu como uma injúria o desafio de Golias e pediu para falar ao rei.

Na presença do monarca, David falou assim:

— Não desmaie alguém à vista desse filisteu.

Aceito o desafio e eu, teu servo, lutarei com ele. Admirou-se Saúl da ousadia de David, porquanto ele era quasi uma criança.

— Tu nunca poderias resistir a um combate



E O PIGMEU

BIBLICO

PR

BROEIRO

E A, CASTAÑÉ

com esse homem, que é um guerreiro experiente e que faz quasi três vezes o teu tamanho.

— Nem por ser mais pequeno deixo de ser tão valente como elle. Eu apascentava o rebanho de meu pai, e vinha um leão ou um urso e levava-me uma ovelha. Eu, então, ia arrebatar-lhes a presa lutando com elles, deslocando-lhes os maxilares e afogando-os. Matei um leão e um urso. Acaso será este filisteu mais forte do que o leão e o urso?

— Por meu céro te juro — disse Saúl — que irás bater-te com esse gigante e, se fôres tu, o vencedor, encher-te-hei de riquezas, isentarei de tributos a casa de teu pai e dar-te-hei, por mulher, a princesa minha filha.

Dizendo isto, despojou-se da sua armadura e

armou David, cingindo-o com a sua espada. Mas o pastor não estava acostumado a vestir armaduras e, em breve, se viu obrigado a despir a couraça e a pôsar a espada.

Muniu-se, então, do seu cajado de pastor, que nunca largava, e, apanhando no leito duma ribeira próxima cinco seixos polidos, meteu-os no alforje. Depois, dirigiu-se para o campo, ao encontro de Goliath, levando na mão a funda.

O gigante, ao vêr que lhe enviavam para se bater com elle um moço gentil e franzino, desdenhou ainda mais do povo de Israel e disse, num tom de desprezo:

— Acaso sou eu algum cão para te vires bater comigo armado de varapau? Aproxima-te que em pouco tempo farei com que as tuas carnes sirvam de manjar às aves e às feras. Vem, pigmeu.

E David disse:

— Saúl, meu rei e meu senhor, envia-me, para que faça lavar, com o teu sangue e o dos teus, a injúria com que há quarenta dias vens ofendendo o povo de Israel. Desdenhas, por vir armado de varapau? E' a minha arma. Não tens tu, porventura, uma espada? Escolheste essa arma porque és mestre no manejo dela. Eu escolhi o meu varapau e a minha funda, e nem por isso as minhas armas deixam de ser menos leais. Avança. Eu te afirmo que te matarei. Provar-te-hei que nem os fortes vencem os mais fracos, nem tu, por seres maior, és mais valente do que eu.

E como Goliath se aproximasse, manejando a sua espada ameaçadoramente, David colocou na funda um dos seixos que trazia no bernal e, manejando-a com extraordinária pericia, fez com que o seixo se fôsse cravar violentamente na testa do gigante.

Goliath baqueou, vencido, caindo morto. David correu, então, e, lançando mão da espada de Goliath, decepou-lhe com ella a cabeça, exhibindo-a por instantes, sangrenta e sinistramente convulsionada, ao povo de Israel, que, devido áquella façanha de David, estava victorioso dos filisteus.





Os israelitas, que do acampamento haviam seguido a luta, davam grandes gritos e corriam sobre os filisteus, que, vendo cair Goliath, o homem que era a sua esperança de vitória, fugiam desordenadamente.

Voltou David ao acampamento israelita, tra-

zendo a Saúl, como trofeu, a cabeça e a espada de Goliath.

Passado tempo, David casava com a filha do rei Saúl, a princesa Micol.

■ F I M ■

Historia contada á beira-mar (Continuação da pag. 3)

chorando perdidamente, contou toda a sua vida, desde a morte de seu avô.

Quando terminou, D. Júlia, chorava também e aliava-lhe, com as mãos, aqueles cabelos loiros, murmurando apenas:

—Então... então... não chores mais. Tudo se há-de arranjar.

Ai, como Maria da Luz se sentia aliviada, por te aliviado o pesado fardo daquela mentira! Mas, sempre de joelhos, beijava as mãos da santa senhora pedindo:

—Perdão! Perdão!

—Perdô-te sim, minha filha, tu não tens culpa de te teres encontrado sozinha no mundo... Uma mãe faz muita falta!

—E agora deixa-me ir embora? O que diria o senhor Jorge? Deixe-me ir embora pois ele me julgará uma ingrata!

—Está bem! Vai para o teu quarto e espera que eu lá vá ter... mas não chores mais porque as tuas lágrimas fazem-me sofrer. D. Júlia e Jorge estiveram no escritório mais de 1 hora e, quando saíram, ela trazia o semblante sereno e confiado e ele vinha radiante de alegria.

Maria da Luz entrou num colégio onde esteve dois anos a educar. Vinha sempre passar as férias em casa de sua mãe adoptiva e Jorge adorava-a e por ela procurava viver e ser alegre, porque Maria da Luz, como o seu nome, espalhava luz... e alegria!

Como era muito inteligente aprendia tudo com facilidade e quando saiu do colégio vinha transformada numa menina distinta e educada que ninguém diria ter sido o Zé Petinga que, uma madrugada, entrou a bordo do «Niassa».

Já estão a calcular que casaram e, a bordo do «Niassa», vieram passar a lua de mel a Portugal, ficando a viver, algum tempo na Nazaré, debaixo daquele lindo sol

que, realmente, acabou de curar Jorge. Escusado é dizer que o verdadeiro Zé Petinga ficou ao abrigo da miséria porque recebeu grandes juros pelo fato que Maria da Luz lhe levou e os gatos tinham, todos os dias, a sua merenda tão aumentada que, dificilmente, poderiam correr tão depressa atrás da Maria da Luz doutros tempos.

—Então, já vejo que sempre achaste o tal tesouro—disseram-lhe umas velhotas.

—E' verdade, respondeu ela e, beijando comovida D. Júlia, disse:

—Foi o amor desta senhora... foi o amor de mãe, que é o maior tesouro que há no mundo.

Que linda história! exclamaram ao mesmo tempo as pequeninas.

—Tu que dizes, doutor Henrique—preguntou Vera a um dos rapazes.

—Que até parece um romance! Mas não há dúvida que a falta duma mãe, podia dar origem a uma história dessas; ainda essa foi feliz mas nem todas encontram no seu caminho uma mãe adoptiva, e são toda a vida desgraçadas.

Eu cada vez hei-de ser mais amiga da minha querida mamázinha—disse uma das pequenitas.

E eu! e eu! e também do papázinho e do avósinho e da avósinha, exclamaram todos em coro.

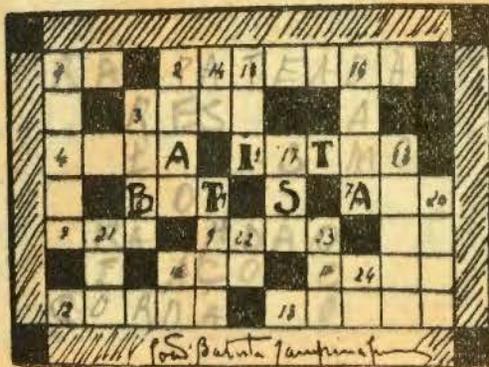
Constou-me depois que, quando chegaram a casa, foram abraçar suas mães com o maior carinho e prometeram nunca mais lhes dar desgostos, e estudarem muito para ficarem sempre bem nos exames,—com grande espanto delas que não sabiam porque era aquela manifestação de Amor e Obediência.

E eu peço, aos leitores desta história, que façam o mesmo, quando a acabarem de ler.

■ ■ ■ ■ ■ F I L M ■ ■ ■ ■ ■

PALAVRAS CRUZADAS

A D I V I N H A



Horizontais

2 — Maneira adoptada pelo público, nos teatros de manifestar o seu desagrado. 1 — Batraquio. 3 — Tempo de verbo. 4 — Idem. 5 — Língua de terra que liga dois continentes. 6 — 3 letras de BOTA. 7 — Tempo de verbo (lavro). 8 — Conjunção. 9 Primeiro habitante do mundo de quem todos nós somos descendentes. 10 — Substancia formada pelo ferro de combinação com o carbónio. 11 — Verbo. 12 — Objecto com a configuração dum fio, feito de tripa, usado em varios instrumentos de que se tiram sons. 13 — Animal bravo.

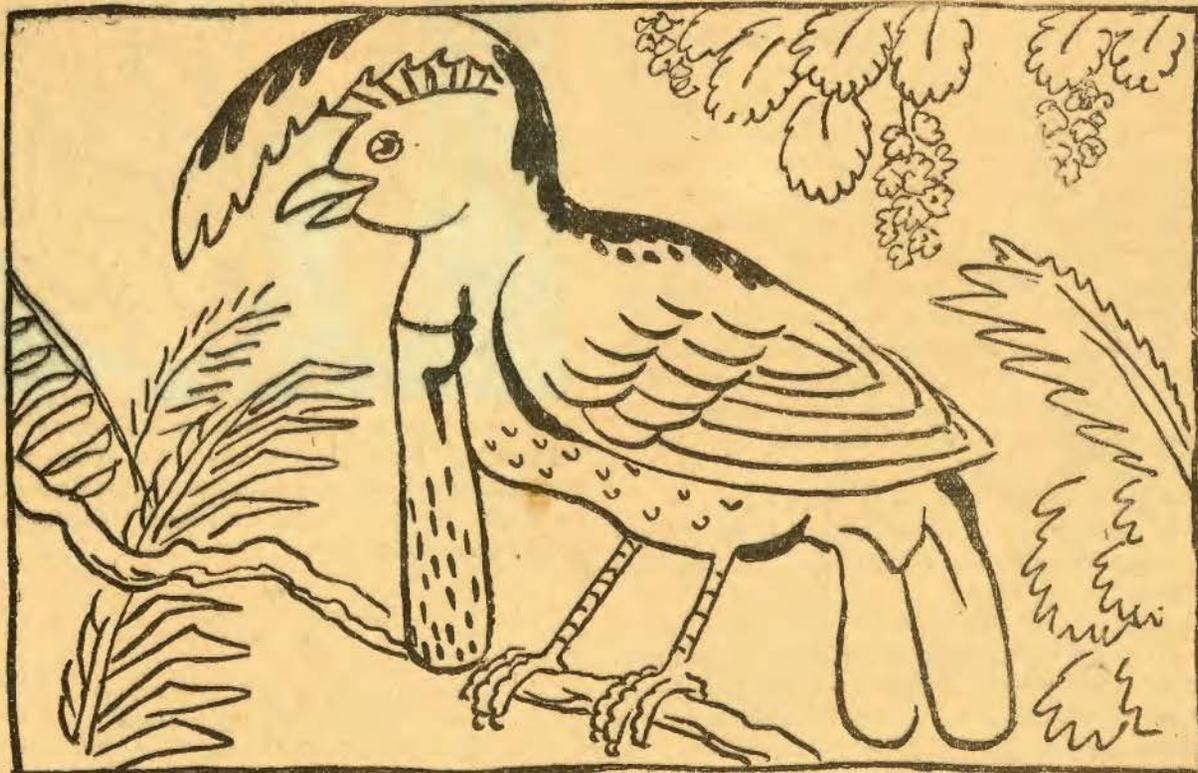
Verticais

1 — Faca. 2 — Nome dado aos individuos que andam a pé. 14 — Carta de jogar. 15 — Pronome francés. 16 — Senhora. 3 — Margem elevada dum rio, 19 — Vaso para beber, com pequeno fundo e boca larga. 17 — 2 consoantes e 1 vogal. 20 — Mineral de grande valor. 21 — Curso de água desaguando no mar. 22 — Compaixão. 23 — Sem miolo. 10 — Preposição latina. 24 — Pronome pessoal.



Meus meninos — Vejam se descobrem qual a fortuna d'êste negociante judeu, em milhões de libras ?

PARA OS MENINOS COLORIREM



O CÉFALOPTERO ENFEITADO — (Cephaloptero ornatus)



Por JOSE AUGUSTO DO VALE

Desenhos de A. CASTANÉ

N

O alto dum bojudo castanheiro, despido de folhagem, como esqueleto descarnado, estava pousado, como sentinela vigilante, um estorninho muito esperto e alegre. E enquanto êle espreitava, com todo o cuidado, em todos os sentidos, os seus camaradas refastelavam-se, isto é, um grande bando de estorninhos pastava, num valeiro, um viçoso prado, como se fôsse um rebanho de ovelhas.

Próximo da sentinela vigilante, num outro castanheiro, veio pousar, também, um melro negro como a capa dos estudantes. Vinha êle para ali com o fim de alegrar os campos com o seu aflautado sublime, sem olhar para qualquer dos lados.

Compenetrado, pois, do seu papel, abriu o biquito amarelo como ouro e deu expansão às suas árias.

Passava-se isto numa tarde dos princípios da primavera, quando o sol mergulhava no horizonte, fazendo as suas barbas de gato.

O que é certo é que o estorninho vigilante, encantado com a música do melro, esqueceu-se do lugar que ocupava.

O dono do prado, que, por acaso, ali apareceu, não gostando da ecifa que a passarada lhe fazia, planeou a entrada, muito surrateiramente, na casa da eira e, tomando a escopêta, que tinha a boca negra como a fuligem da chaminé, ferrou-lhe com uma boa carga dentro.

Safiu, novamente, todo desesperado, e apontou ao bando como bom caçador. O estampido repercutiu-se pelos recôncavos do valeiro, como o ribombar dum trovão; e dois casais de estorninhos ficaram estatelados na erva do lameiro!...

O melro, espavorido, deixou de cantar e fugiu.

O estorninho que servia de sentinela, ao vêr as funestas conseqüências do seu descuido, fugiu, também, cheio de pavor e envergonhado.

Passado pouco tempo, mandou dizer para o tribunal das aves, que lhe perdoassem a sua grande falta, porque o mesmo poderia ter acontecido a qualquer dos seus camaradas. E, para que se não dessem outros casos funestos

como o passado, disse mais ficar combinado «que o alarme, daí para o futuro, não seria dado com um simples gorgoejo, repetido, como desde tempos remotos se tinha planeado, mas, sim, o dito alarme ou aviso de partida seria feito por intermédio dum grande assobio, que até avisasse as outras aves».

E assim foi.



E como, entre os estorninhos, ainda não houve ordens em contrário, é por isso que, ainda hoje, apenas vêem alguma coisa de extraordinário, atiram logo para o espaço um assobio tão violento como o silvo agudo produzido pela revolta duma serpente.

Quem deseje cumprir o seu dever
não deixe a obrigação pelo prazer